

Análise dos processos mediacionais estabelecidos entre professor-intérprete de libras-estudante surdo em uma disciplina do curso de engenharia

RESUMO: Com base nas reflexões surgidas a partir da atuação dos Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras) – (ILS), em uma universidade federal da Zona da Mata mineira, pretendemos buscar a compreensão das questões linguísticas, culturais e éticas requeridas no momento da interpretação simultânea da Língua Portuguesa para a Libras, deparando-se com diferentes conteúdos do conhecimento específicos de uma disciplina do curso de Engenharia. Durante a experiência profissional dos ILS vivenciada em sala de aula, surgiram as seguintes inquietações: Quais os limites e possibilidades na interação entre professor – ILS – aluno surdo? Quais recursos e estratégias são utilizados pelo docente para auxiliar o trabalho dos ILS? Para responder a estas indagações, esse estudo foi baseado nos pressupostos teóricos do campo da interpretação em geral. A pesquisa, de caráter qualitativo, foi desenvolvida a partir de registros feitos através de observação participante com auxílio do diário de campo.

PALAVRAS-CHAVE: Interpretação em Libras. Interação. Conhecimento Específico.

Analysis of mediational processes established between teacher-interpreter of deaf-students in a discipline of the engineering course

ABSTRACT: Based on the arising reflections from the performance of the interpreters of Brazilian Sign Language (Libras) – (ILS). At a federal university in Zona da Mata, Minas Gerais, we intend to seek the understanding of the linguistic, cultural and ethical issues when interpreting different specific contents from an engineering course simultaneously from Portuguese Language to Libras. During the career of an experienced ILS professional in the classroom, the following concerns arose: What are the limits and expectations during the interaction between teacher, ILS, and a deaf student? What resources and strategies are used by the teacher to assist ILS? To answer these questions, this study was based on the theoretical assumptions of general interpretation field. The research, of a qualitative nature, was developed from records made through observing participant with the help of the field diary.

KEYWORDS: Interpretation in Libras. Interaction. Specific Knowledge.

Maria Regina Granato Pimenta¹
Luana Isabel Gonçalves de Lima²
Renata da Silva Lopes Reis³

INTRODUÇÃO

Nossa proposta com este artigo é compartilhar a experiência da atuação dos Intérpretes de Língua de Sinais – ILS em sala de aula e como se deu, concretamente, os

1 Universidade Federal de Viçosa.

2 Universidade Federal de Viçosa. Endereço eletrônico: lu.isabellima@gmail.com

3 Universidade Federal de Viçosa.

processos mediacionais estabelecidos entre docente – intérprete – discente surdo em uma disciplina do curso de Engenharia Civil de uma universidade federal da Zona da Mata mineira, tendo como foco a interpretação da Língua Portuguesa para Libras no contexto acadêmico, considerando dois tipos de interpretação: a interpretação simultânea, possuindo a capacidade de interpretar em tempo real; e a interpretação consecutiva, em pequeno lapso de tempo de uma língua oral para a língua sinalizada ou vice-versa.

O Intérprete de Libras – ILS é o profissional que trabalha com habilidades linguísticas tradutórias e interpretativas. Pagura (2015) discute sobre a questão da tradução e afirma:

Chamamos de tradução a conversão de um texto escrito em uma língua de partida para uma língua de chegada, e a interpretação, a conversão de um texto oral de uma língua de partida para uma língua de chegada. Em resumo, a tradução é escrita e a interpretação, oral (PAGURA, 2015, p. 183).

O registro profissional do intérprete de Libras se deu em meados da década de 1990, mas a profissão foi oficializada recentemente, com o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. A partir disso, o ILS foi ganhando mais espaço, tendo em vista o fato da Libras ter sido implantada como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores. Para alavancar ainda mais a carreira do Intérprete de Libras, foi regulamentada a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, que oficializa o trabalho do intérprete. Cada vez mais, fez-se necessária sua presença em diferentes espaços, visto que, as demandas aumentaram a partir do ingresso de surdos no meio educacional, e também em setores públicos, pois eles reivindicavam o direito ao acesso linguístico.

A função do ILS é desenvolver ações no campo da tradução e interpretação em diferentes contextos, ou seja, fazer o elo de comunicação entre surdos e ouvintes. Assim, o trabalho do profissional é possibilitar a inclusão aos surdos, buscando a interculturalidade, que envolve a reflexão das diferentes áreas do conhecimento, na valorização e no uso efetivo da Libras.

O ILS pode atuar em diferentes espaços, como: saúde, justiça, educação, política, meios de comunicação, congressos, bancos, bem como, através de várias modalidades de tradução, interpretação sussurrada, simultânea ou consecutiva e dentre outros espaços públicos, que necessitam garantir a acessibilidade para as pessoas surdas. Esse profissional

precisa ter o domínio da língua para traduzir e interpretar, além de ter conhecimentos de técnicas, modalidades e estratégias de tradução e interpretação, e estar em contato com a comunidade surda e os aspectos culturais desses sujeitos.

No contexto de sala de aula, as questões éticas são respeitadas na atuação do intérprete que assume uma postura neutra, a partir da percepção de que sua presença se limita a atuar como o “ouvido e a voz” do surdo e seu papel se restringe a interpretar o conteúdo proposto, mediar tanto as informações como as dúvidas do aluno solicitando o auxílio do professor. A partir daí, o intérprete será o mediador mantendo a imparcialidade de acordo com o objetivo de mediação linguística, como elo de transmissão dos conhecimentos.

No ambiente educacional, no momento das interpretações em sala de aula, o intérprete deve ter o conhecimento prévio dos conteúdos a serem interpretados para facilitar sua performance, de forma que, para uma interpretação de boa qualidade, é necessário conhecer o material previamente. Porém, essa é uma problemática que acompanha os ILS, visto que, nem sempre o conteúdo chega com antecedência nas mãos do profissional, acarretando prejuízo no momento da tradução/interpretação. Mas, existem maneiras de resolvermos esse embate, temática esta que será tratada ao longo do nosso artigo.

A interação entre os pares docente – intérprete – discente surdo é de extrema importância para a fluidez do ato interpretativo, pois estabelece uma socialização entre os mesmos. A relação entre o professor e o ILS é fundamental para a fluidez da sinalização e para que os alunos surdos possam se apropriar do conteúdo ensinado para construir uma ponte entre o professor – ILS – aluno surdo.

A inserção da Libras no espaço acadêmico é um componente importante para a formação acadêmica no âmbito das práticas inclusivas. Para tanto, na área educacional, em particular, onde o intérprete é ouvinte, este é por excelência um mediador de aprendizagem do surdo e, como tal, deve estar permanentemente atento às questões éticas envolvidas na transmissão dos conteúdos, sobretudo para que o educando seja respeitado e que não seja prejudicado, respeitando, assim, os princípios de cada um.

Diante do exposto, nossa pesquisa foi baseada nos pressupostos teóricos do campo de interpretação em geral, considerando a interpretação uma ação comunicativa verbal ou não

verbal entre pessoas que não usam o mesmo código linguístico, sendo possível sua realização de forma simultânea ou consecutiva.

De acordo com Seleskovitch e Lederer (1995):

"O processo da interpretação envolve a percepção de ideias ou sentido, expressas no discurso. À medida que se percebe o sentido, as formas verbais utilizadas para transmiti-lo desaparecem, deixando apenas a consciência a partir da qual o intérprete pode espontaneamente expressar o sentido, sem estar preso à forma da língua de partida" (SELESKOVITCH E LEDERER, 1995, p.24).

A teoria desenvolvida por Cokely (1992) assegura, a partir do momento da interpretação da Língua de Sinais, que os ILS processam a informação dada pelo emissor, realizam escolhas lexicais em tempo real tomando decisões rápidas as quais podem acontecer implicações na informação de uma língua para a outra, devido ao fator tempo.

Dessa forma, nosso objetivo com este artigo é investigar as questões linguísticas, culturais e éticas no momento da interpretação em sala de aula, ao estar em contato com os conteúdos da disciplina e os termos técnicos buscando estratégias que facilitarão o processo interpretativo. Nossos objetivos específicos durante a observação em sala de aula são: compreender os termos técnicos previamente à aula, buscar produção de sentidos; evitar o excesso de datilologia, possibilitando aos ILS fluidez na sinalização.

Nosso artigo está organizado da seguinte forma: iniciamos com a introdução, apresentando a pesquisa e as principais questões que serão discutidas ao longo do texto. Posteriormente, apresentamos uma breve contextualização do embasamento teórico que rege nossa pesquisa tratando especificamente do contexto histórico do Intérprete de Libras (ILS) e sua função. Também trataremos sobre a competência interpretativa, para entendermos melhor como é desenvolvido o processo interpretativo em sala de aula. Falaremos a respeito da metodologia utilizada, seguida da apresentação e discussão dos métodos utilizados, e finalizaremos com as análises dos resultados e as considerações finais.

ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS: O INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS EDUCACIONAL

À medida que os avanços relativos às políticas de inclusão de surdos começaram, estes sujeitos passaram a ter participação na sociedade demandando a presença de ILS para fazer mediações comunicativas, o que possibilitou o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras como língua oficial das comunidades surdas do Brasil. Tal feito, assegurou aos surdos o acesso à língua como direito linguístico e acessibilidade por meio do profissional Intérprete de Libras, pois compreendemos que a comunicação é um fator fundamental para o ser humano, e a Língua de Sinais possibilita a interação dos surdos.

A Língua Brasileira de Sinais - Libras foi reconhecida como língua dos indivíduos Surdos brasileiros, através da Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre o seguinte:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Posteriormente, a Lei da Libras foi regulamentada pelo Decreto nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que prevê:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 2005).

A lei e o decreto supracitados têm um significado importantíssimo no processo da acessibilidade e inclusão dos surdos, consequência da luta pelo reconhecimento linguístico e dos direitos sociais. A partir disso, a Libras começou a ser difundida em todos os territórios, e os surdos começaram a ganhar seu espaço no mundo reivindicando o direito à comunicação.

Podemos refletir como a Língua Brasileira de Sinais pode influenciar uma sociedade ouvinte de modo que os sujeitos surdos possam ser incluídos. A oficialização dessa língua significa a quebra de barreiras comunicacionais para os surdos, garantindo que ela seja respeitada, difundida e ensinada, a fim de assegurar o direito das pessoas surdas à comunicação e, através dela, seu acesso à sociedade.

A legislação evidencia a necessidade de garantir a valorização da Libras enquanto primeira língua da Comunidade Surda e assinala a importância da capacitação de profissionais no que tange à diversidade, à inclusão e à acessibilidade dos surdos em instituições de ensino.

A partir das transformações trazidas pela mudança de concepção de surdez que empodera os falantes da Libras, houve o crescimento de demandas pela presença dos profissionais Intérpretes de Libras nos diferentes espaços públicos, principalmente no âmbito acadêmico.

Diante de toda a expansão das Línguas de Sinais, a procura dos surdos e ouvintes interessados na aprendizagem e a trabalhar com essa língua foi aumentando cada vez mais. Também vemos no movimento do ensino da Libras o aumento de cursos, de demanda de profissionais como docentes com proficiência na língua e de ILS. A partir da regulamentação dos Intérpretes de Libras através da lei podemos observar as atribuições desse profissional, conforme o Artigo 6º.

Art. 6º. São atribuições do tradutor e intérprete, no exercício de suas competências:
I- efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;
II- interpretar, em Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares;
III- atuar nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos;
IV- atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas; e
V- prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais (BRASIL, 2010).

O Intérprete de Libras Educacional atuante na educação bilíngue, (Libras/Língua Portuguesa) é responsável pela comunicação entre surdos e ouvintes no contexto acadêmico. Esse profissional é responsável pelo oferecimento de subsídios nas alterações metodológicas que possibilitem a interação entre todos envolvidos na comunicação, sempre em estreita parceria. Deve ser um profissional de boa índole, correto, cuidadoso, confiável, e de equilíbrio emocional. Tendo em vista a necessidade de aprimorar o desenvolvimento profissional, os ILS devem reunir com o objetivo de socialização de novos conhecimentos, sinais combinados, terminologias, conceitos aprendidos em sala de aula e reunião com os docentes. Sem dúvida,

o profissional ILS tem atraído os surdos ao Ensino Superior, já que a presença desses profissionais propicia o ensino do conteúdo pela Libras viabilizando a aprendizagem.

Conforme Quadros (2004, p. 27), o ILS “é o profissional que domina a língua de sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função de Intérprete” e, para que aconteça uma comunicação linguística efetiva entre pessoas que se utilizam de códigos linguísticos diferentes, é necessária a presença do intérprete que transpõe o discurso emitido de uma língua para outra, pois ele é o mediador do ato comunicativo e precisa conhecer, profundamente, sua própria língua, a cultura surda e seus processos políticos, econômicos e sociais.

COMPETÊNCIA INTERPRETATIVA

Quadros (2003) afirma que os ILS devem seguir três passos pertinentes ao modelo cognitivo no momento da interpretação do Português para a Libras: (1) Entender a mensagem na língua fonte. (2) Ser capaz de internalizar o significado na língua alvo. (3) Ser capaz de expressar a mensagem na língua alvo sem lesar a mensagem transmitida na língua fonte.

A interpretação sempre envolve as línguas faladas/sinalizadas, ou seja, línguas nas modalidades orais-auditivas e espaço-visuais. Pode haver “a interpretação da Língua de Sinais para a língua falada e vice-versa, da língua falada para a Língua de Sinais” (QUADROS, 2004, p.9). Assim, observamos que no momento do texto oral a interpretação é realizada simultaneamente, sem possibilidades de revisão, o intérprete deve possuir a habilidade de fazer reformulações imediatas e utilizar de estratégias para transpor de uma língua para outra.

Durante a interpretação, o profissional necessita de determinados esforços propostos por Gile (1995), de acordo com seu modelo de interpretação: 1) Compreensão, o esforço de ouvir e analisar a mensagem; 2) Memória, o esforço de reter a mensagem; 3) Produção, o esforço de reproduzir a mensagem na língua de chegada; e 4) Coordenação, o esforço de coordenar os demais esforços.

De acordo com Lacerda (2009), a função do Intérprete de Libras engloba as seguintes questões: deve compreender as línguas envolvidas e o assunto alvo em seu trabalho, além de dominar as expressões orais/corporais presentes em ambos os idiomas; não tem acesso ao que será falado/sinalizado previamente, o assunto pode mudar no momento da

interpretação; atua em equipe, são vários os profissionais que se revezam num mesmo evento, atuam nas relações face a face muitas vezes conversando com o conferencista ou com o público alvo, buscando ajustar sua atuação da melhor forma possível.

Dessa forma, Lacerda (2009) expõe que o profissional cuja tarefa é desempenhar a função de intérprete, precisa adaptar sua atuação de acordo com o ambiente, o público-alvo, a modalidade de língua e o objetivo final de seu trabalho em cada situação.

Segundo Quadros (2004), para realizar a interpretação da língua falada para a língua sinalizada e vice-versa é necessário observar os seguintes preceitos éticos:

- a) confiabilidade (sigilo profissional);
- b) imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias);
- c) discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação);
- d) distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados);
- e) fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito).

METODOLOGIA

Nossa pesquisa, de caráter qualitativo, foi desenvolvida a partir de registros feitos através de observação participante com auxílio do diário de campo. As anotações foram feitas após a aula da disciplina de Fenômenos de Transporte, tendo em vista que este método auxilia nas descrições e interpretações de situações cada vez mais globais e, atenta para o aspecto ético e para o perfil íntimo das relações sociais (QUEIROZ, et al. 2007).

A respeito da pesquisa qualitativa, Minayo et al (1994, p.21-22) afirmam o quanto este tipo de pesquisa responde a questões muito particulares, preocupando-se “[...]com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Nessa perspectiva, salientamos que as bases

teóricas da pesquisa qualitativa privilegiam a consciência do sujeito entendendo a realidade social como uma construção humana. Assim, consideramos a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, implicando num vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

Segundo Neves (1996), nas pesquisas qualitativas, é essencial que o pesquisador procure entender os fenômenos com base na perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados. Reforçamos, ainda, que a pesquisa qualitativa abrange um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que tendem a descrever e a decodificar os elementos de um sistema complexo de significados e ela tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (NEVES, 1996 *apud* MAANEN, 1979a).

Neves (1996) reitera que os métodos qualitativos se assemelham a processos de interpretação dos fenômenos empregados no nosso dia-a-dia e possuem a mesma natureza dos dados que o pesquisador qualitativo emprega em sua pesquisa.

PERCURSO METODOLÓGICOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA PESQUISA

As observações foram realizadas neste trabalho para trazer uma visão ampla a respeito do objeto de estudo, sendo que elas sempre serão dependentes do pesquisador, ou seja, recebem características específicas na descrição, fator dependente da história pessoal, bagagem cultural, enfim, da formação social de cada pessoa, transparecendo traços específicos do pesquisador e atenção voltada para determinadas questões da realidade (LUDKE E ANDRÉ, 1986).

Para que possamos compreender as pessoas, as coisas, os acontecimentos e as situações vivenciadas o meio mais eficaz é a observação. Observar é aplicar os sentidos a fim de obter uma determinada informação sobre algum aspecto da realidade. É mediante o ato intelectual de observar o fenômeno estudado que se concebe uma noção real do ser ou ambiente natural, como fonte direta dos dados (QUEIROZ, *et al*, 2007).

O sentido da observação participante é trazer um conhecimento claro e preciso; é uma técnica científica a partir do momento em que passa por sistematização, planejamento e controle da objetividade. O pesquisador não está simplesmente olhando o que está acontecendo, mas observando com um olho treinado em busca de certos acontecimentos específicos. A observação ajuda muito o pesquisador e sua maior vantagem está relacionada com a possibilidade de se obter a informação na ocorrência espontânea do fato (QUEIROZ, *et al*, 2007). A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa, principalmente com enfoque qualitativo, porque está presente desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, ou seja, desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa (QUEIROZ, *et al*, 2007) e será uma importante técnica em nossa pesquisa para que possamos alcançar os objetivos desejados.

A observação participante é considerada um “examinar com todos os sentidos, um evento, um grupo de pessoas, um indivíduo dentro de um contexto, com o objetivo de descrevê-lo” (VÍCTORA, *et al*, 2000, p.62). Embora seja necessário o máximo de neutralidade do pesquisador para tal instrumento de pesquisa seja legítimo, é impossível descrever uma realidade observada sem trazer alguns aspectos influenciados pelos conhecimentos adquiridos pelo observador. No entanto, não se pode deixar de lado a preparação para ir a campo, tendo em vista a delimitação da pesquisa e os objetivos, adquirindo, assim, cunho científico.

No diário de campo anotamos as descrições das atividades realizadas e observadas na sala de aula para o desenvolvimento do nosso trabalho. Os aspectos analisados foram as mediações estabelecidas entre docente – ILS – aluno surdo, cada um com suas funções distintas.

O professor é o mediador entre o aluno e o conteúdo, na construção do conhecimento (ensino), mas quem media a comunicação entre aluno surdo e professor por meio da Língua Portuguesa/Libras é o ILS. O aluno surdo participa do processo na construção do conhecimento (aprendizado) de forma visual em sua primeira língua (Libras).

Os aspectos considerados ao professor foram a utilização das tecnologias, as práticas pedagógicas e a interação entre ILS e aluno surdo, dos ILS foram as escolhas lexicais, as estruturas linguísticas utilizadas, competência pragmática e semântica, o trabalho em dupla

dos ILS, interação com professor e aluno surdo, do aluno surdo analisamos o feedback ao entendimento do conteúdo através do olhar (movimento da cabeça e linguagem corporal), interação com professor e ILS.

A mediação é uma posição humanizadora, positiva, construtiva e potencializadora no complexo mundo da relação educativa. Na base desse construto dinâmico encontra-se o conceito de “desenvolvimento potencial” de Vygotski (TÉBAR, 2011, p. 74), que diz respeito ao conjunto de atividades que a criança não consegue realizar sozinha, mas que com a ajuda de alguém que lhe dê algumas orientações adequadas (um adulto ou um professor), ela consegue resolver. Assim, as mediações e a interação entre docente – ILS – aluno surdo são cruciais para a sobrevivência do aluno, e a cada etapa da aprendizagem concluída o aprimoramento se torna contínuo, onde a construção de habilidades e competências se faz necessária a cada processo realizado.

ANÁLISE E RESULTADOS

A coleta de dados foi realizada no segundo semestre de 2018, com a participação de três intérpretes fixos atuando em dupla nesta disciplina, com revezamento entre 20 a 30 minutos entre seus pares ILS com a necessidade de acompanhar e manter a narrativa da interpretação recebida do colega, foram 4 (quatro) aulas por semana, 2 (duas) aulas na segunda-feira e a outras 2 (duas) na quinta-feira, totalizando em 4 horas de aula por semana, sendo 60 horas no total do semestre, um docente e um aluno surdo e os demais alunos ouvintes.

No primeiro dia de aula, fizemos uma breve explicação referente ao trabalho do intérprete, e ao final da aula solicitamos ao professor o envio do material para o acesso prévio aos textos, em seguida, o mesmo anotou os contatos dos ILS e no dia seguinte encaminhou todos os slides do segundo semestre de 2018. No decorrer das aulas, sentimos a necessidade em compreender os conceitos específicos da disciplina. Propusemos uma reunião semanal com a participação do professor para discutirmos as terminologias científicas relacionadas à disciplina já que há, entre os intérpretes, também uma diversidade de formações acadêmicas e, pelo fato de nenhum intérprete ser da área de Engenharia, há a necessidade de

aprofundarmos mais em relação às terminologias específicas do curso. Assim sendo, essa proposta de reunião seria ideal para sanar as dúvidas e discutir os termos para proporcionar maior fluência no momento do ato interpretativo. Os encontros foram realizados no gabinete do professor, situado em seu departamento, uma vez por semana.

Nesta disciplina, as aulas foram oferecidas no pavilhão de aulas da universidade em uma sala ampla, contendo quadro negro, data show, telão, pontos físicos de conexão com a rede de internet, ventilação, iluminação, limpeza, carteiras escolares fixas. O professor adotou, em seu plano de aula, os seguintes recursos pedagógicos:

- 1- Slides: Nos slides, continham textos resumidos com imagens para cada tópico apresentado na ementa da disciplina, conceitos fundamentais, tabelas explicativas das Grandezas Fundamentais (Dimensões e unidades de medidas, conversões de unidades), Substâncias, Equações básicas (contendo o significado dos termos), Leis, Métodos utilizados, exemplos, pontos importantes e atividades para resolução.

DIMENSÕES E UNIDADES

Dimensões: são nossos conceitos básicos de medida, quantidades físicas como comprimento, massa, tempo, temperatura, força.

Unidade de medida: são os nomes dados às dimensões: m, kg, s, K, N.

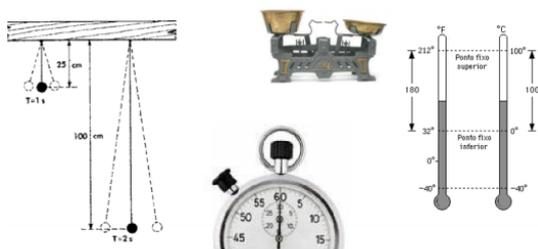


Figura 1 – Slide 13 da aula introdutória da disciplina de Fenômenos de Transporte

- 2- Quadro negro: Em sua prática, o docente também adotou o quadro negro para explicar o conteúdo, à medida que fosse necessário, escrevendo e desenhando as figuras e todo o processo das aplicações quanto às fórmulas (Equações básicas) para os cálculos das atividades apresentadas em sala e os exercícios propostos para fazer posteriormente, por em prática o que o educando aprendeu em sala de aula.

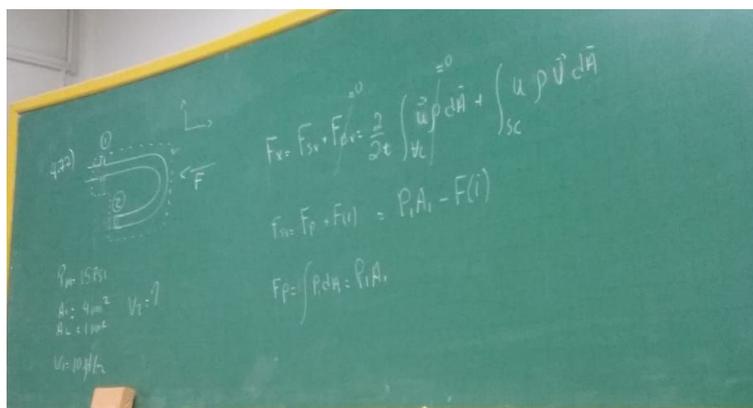


Figura 2 – Anotações do professor no quadro negro

3- Materiais: Durante a aula, a professor ainda aproveitou os vários recursos como livros, folhas, objetos presentes em sala de aula para exemplificar os conceitos de forma visual estabelecendo uma comparação no concreto.

Este tipo de recurso enriquece a explicação do professor, ajuda no entendimento do aluno e favorece o trabalho dos intérpretes no momento da interpretação, pois a Libras é de modalidade visual-espacial, já que a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos. Assim, a utilização de recursos visuais é de extrema importância no ambiente educacional, pois, facilita potencialmente o modo de interação entre o professor e aluno ao viabilizar a exploração de recursos didáticos inovadores, ao diversificar os modos de criar conhecimentos e ao possibilitar a obtenção de informações atualizadas (MOROSOV, 2008).

Os ILS têm competência no par linguístico (Português/Libras), fato que possibilita um conjunto de estratégias utilizadas no momento da interpretação da Língua Portuguesa para a Libras, demandando habilidades e técnicas que o ato interpretativo requer, sendo eles:

4 - Apropriação do espaço em sala de aula: No momento da aula, para contribuir com o processo de explicação, o ILS se posiciona ao lado do professor em sala de aula para que o aluno possa visualizar os dois profissionais ao mesmo tempo, sem perder as expressões e as gesticulações do professor e a sinalização dos ILS.

5 - Apontamento com o dedo indicativo o objeto de referência: Os ILS utilizam-se de estratégia como o apontamento, aproveitando os recursos visuais, tais como, a escrita no

quadro, slides, imagens, objetos e outros para indicar, materiais utilizados pelo professor no momento da aula.

6 - Classificadores (CL) em Língua de Sinais: são as descrições imagéticas (sinais icônicos feitos naturalmente) utilizados pelos ILS no momento da interpretação na Libras quando não tem o sinal para aquele termo, conforme a aula ministrada pelo professor.

7 - Material do professor: O envio dos textos do conteúdo para os ILS, com o objetivo de uma leitura prévia dos textos para a preparação dos intérpretes.

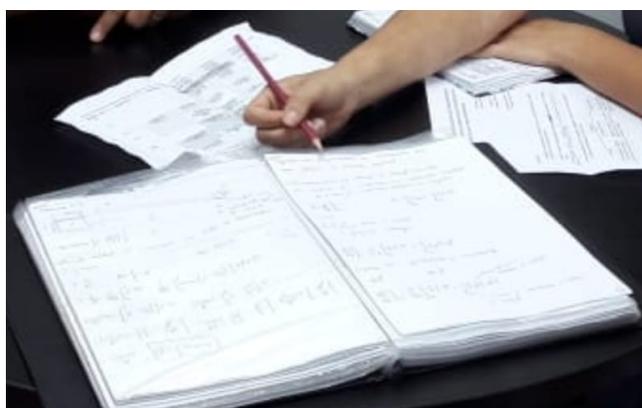


Figura 3 – Anotações de conteúdo repassadas para os ILS no momento da reunião.

8 - Interação ILS/Professor: Trabalho em parceria, estreitando os laços de confiabilidade, dessa forma, o professor tem uma compreensão maior da atuação dos ILS em sala de aula, tornando compreensível as atribuições de cada um e o entendimento da Libras por parte do professor, sendo fundamental para o nosso trabalho.

9 - Interação Professor/Aluno: Contato com o aluno surdo no momento da aula, revisão de prova no gabinete onde o professor terá algumas percepções, propiciando alguns recursos para um melhor desempenho no desenvolvimento educacional do aluno surdo.

10- Interação ILS/Aluno: Proposição de sinais pelo aluno surdo aos ILS conforme conceitos estudados no conteúdo, possibilitando fluidez na sinalização.

Todas as questões apresentadas serviram de embasamento para a observação dos resultados da pesquisa.

No campo de pesquisa em contexto de sala de aula, observamos e tomamos nota, utilizando o diário de campo, relatando sobre a atuação dos Intérpretes, buscando

identificarmos possíveis dificuldades no ato da interpretação. No entanto, de posse das anotações, notamos que para que aconteça uma interpretação fluida e de qualidade, no primeiro momento, é necessário: construir uma relação de parceria com os professores da área de conhecimento, entender qual é a função do intérprete de Libras no espaço educacional, receber os materiais que são utilizados pelo professor (textos, slides, vídeos, entre outros) apresentados no momento da aula para possibilitar o estudo prévio dos ILS aos termos específicos.

Inferimos também, com base nas observações realizadas, a relação entre docente – intérprete – discente surdo é de suma importância. Os encontros com o professor propiciaram um melhor entendimento dos ILS com relação aos conteúdos, tendo como ênfase no significado das palavras dentro de um contexto. No momento da reunião, o docente apresentou um acervo contendo todo o conteúdo programático em uma pasta (planejamento da aula) e o livro didático da disciplina, material utilizado por ele. A recepção e o acolhimento na sala de aula e no gabinete do professor, deixou os ILS livres para quaisquer perguntas que tivessem sobre o assunto, passando ao aluno surdo segurança quanto à informação recebida diante da mediação do conhecimento feito pelos ILS. Só é possível essa interação entre docente – intérprete – discente surdo, quando ambos entendem da real necessidade de serem parceiros, e cada um saber suas responsabilidades e funções que desempenham no espaço educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que, para a realização de uma interpretação que chegue ao alcance do estudante surdo de forma eficaz, é necessário acesso prévio aos materiais apresentados em sala de aula, trabalho em conjunto com professor e intérprete para a produção de sentido facilitando no processo de interpretação da língua de origem para a língua alvo, uso dos classificadores como estratégia, interação entre seus pares ILS, o processo de convenção de alguns sinais pelo aluno surdo conforme conceitos estudados na disciplina, devido à carência de terminologia na Língua Brasileira de Sinais no campo acadêmico, possibilitando fluidez na sinalização do ILS para o melhor entendimento e aprendizagem do estudante surdo.

Várias são as pesquisas desenvolvidas na área de mediação do saber entre docente – intérprete – discente surdo e outras ainda estão em desenvolvimento. Por isso, podemos destacar que é de extrema importância a realização de pesquisas nessa área, devido a questões que levam ao ILS ter uma alta performance influenciando-o na sua forma de atuação no espaço acadêmico o que pode ser determinante para o sucesso desses aprendizes surdos.

Com este estudo pretendemos ainda contemplar toda a comunidade acadêmica surda com a possibilidade de registro dos sinais convencionados, formalmente. A interação entre professor – intérprete – estudante surdo apresentado nesta pesquisa, por demonstrar resultados que contribuíram positivamente para o aprendizado do discente surdo poderá ser utilizado como referência em outras disciplinas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e da outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 12/07/2019.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e art. 4 do decreto lei nº. 5.626 de 22 de dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Atto2004/2005/D5626htm. Acesso em: 12/07/2019.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.** Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais - Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm. Acesso em: 12/07/2019.

COKELY, D. **Interpretation: A Socio Linguistic Model.** Linstok Press. 1992a.

COKELY, The effects of lag time on interpreter errors. In: Sign Language Interpreters and Interpreting. Linstok Press. 1992b.

GILE, D. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009 [1995].

LACERDA, C. B. **Intérprete de Libras em atuação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MAANEN, J. V. **Reclaiming qualitative for organizational research: a preface.** In: Administrative Science quarterly, vol. 24, nº 4, december 1979a, p. 520-526, *apud* Neves 1996.

MYNAIO, M. C. S. *et al* (orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOROSOV, Katia. **Tecnologias da Informação e Comunicação e formação de professor: sobre rede e escolas.** Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 747-768, out. 2008.

NASCIMENTO, Vinícius. **Interpretação da Libras para o português na modalidade oral: considerações dialógicas.** Tradução & Comunicação., v. 24, p. 79-94, set. 2012. Disponível em:< <http://www.pgss.kroton.com.br/seer/index.php/traducom/article/view/1756/1675>>. Acesso em: 12/07/2019.

NEVES, J. L. **Pesquisa Qualitativa - Características, usos e possibilidades.** In: Caderno de pesquisa em administração, São Paulo, v. 1, nº 3, 2º sem./1996.

PAGURA, R. J. **Tradução & interpretação.** In: AMORIN, L. M.; RODRIGUES, C.C., and STUPIELLO, ÉNA, orgs, Tradução & perspectivas teóricas e práticas [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 183-207. ISBN 978-85-68334-61-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2003/2004.** 94 p.: il.

QUEIROZ, *et al.* **Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos na área da saúde.** R. Enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2007, abri/jun 2015(2): p. 83-276.

SELESKOVITCH, D.; LEDERER, M. 1995. **A systematic approach to teaching of interpretation. Tradução de Pédagogie raisonnée de l'interprétation.** n/c: The Registry of Interpreters for the Deaf in Pagura, R. **A interpretação de conferências: Interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300013. Acesso em: 12/07/2019.

TÉBAR, Lorenzo. **O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação.** Tradução Priscila Pereira Mota. São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

VICTORA, C. G.; *et al.* **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema.** Porto Alegre: Tomo editorial, 2000. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-papel-do-professor-mediador-na-elaboracao-do-conhecimento/145469>. Acesso em: 12/07/2019.